

*Filho meu,
Aqui de fato pode haver tormenta,
mas morte jamais.*

DANTE ALIGHIERI, *Purgatório*, Canto XXVII.



Na escola, eles nos mandaram seguir as regras. *Não fale com estranhos. A segurança vem primeiro, disseram. Não corra — a não ser que seja para fugir de um estranho, é claro.* Esperava-se que fugíssemos de estranhos o mais rápido possível, da mesma forma que Perséfone, a menina daquele antigo mito grego, tentou fugir quando Hades, o rei dos mortos, foi atrás dela.

Mas regras são coisas engraçadas; de vez em quando, estão erradas. Segundo as regras, pessoas da nossa família não devem nos machucar.

Porém, não fugir da minha própria carne e sangue foi o meu primeiro erro.

O segundo foi fugir de John Hayden. Ele era exatamente o tipo de estranho que vivem descrevendo na escola. Não, ele não me ofereceu balas ou drogas. Mas um só contato com aqueles olhos cinza, repletos de tormenta, e mesmo sendo uma menina inocente de 15 anos eu já soube que a sua oferta seria bem mais viciante do que chocolate ou metanfetamina.

Como eu poderia saber que ele tinha aqueles olhos cheios de tormenta porque também foi traído por uma pessoa que, segundo as regras, devia ter cuidado dele?

Talvez isso fizesse com que nossos caminhos se cruzassem sempre, independentemente do quanto tentássemos fugir. Qual outro motivo justificaria o fato de os dois terem ido parar em uma ilha batizada em homenagem aos ossos humanos que foram encontrados ali? Parece que temos mais do que apenas alguns esqueletos no armário.

Os ossos que deram esse nome infame ao local — Isla Huesos, “Ilha dos Ossos”, em espanhol — já deviam ter sido removidos. Mas a tendência de sempre cometerem atos cruéis de enganação nessa ilha ainda não acabou.

Neste momento, não é nem a minha família, *nem* John que se aproxima de mim, e, sim, uma tempestade. Sei disso por causa dos alertas que fico recebendo no celular. Espera-se que um ciclone tropical gigantesco, “produzindo ventos extremos e altas condições para enchentes”, atinja a ilha na qual eu e minha mãe planejáramos ter um “recomeço”. De acordo com o último aviso, eu devo ir com cuidado (*ande, não corra*) para o abrigo de emergência mais próximo.

O problema é que estou a mais de mil quilômetros abaixo da superfície da terra e da trajetória da tempestade.

Mesmo assim, toda vez que o meu telefone vibra, eu checo os alertas e meu coração se acelera. Não por eu estar em perigo, mas porque conheço pessoas que estão.

E fico mais chateada ainda porque, em vários sentidos, a minha família se mostrou parecida com as barricadas que os líderes comunitários da Isla Huesos construíram para evitar inundação nas áreas mais baixas: não são muito confiáveis. Na verdade, alguns deles se mostraram feitos de um material inferior. Eles se despedaçaram em vez de fazer o que deviam: impedir que os seus entes queridos se afogassem.

Mas talvez isso seja o que eu mereça por acreditar que as regras me manteriam a salvo.

Tudo isso mudou. Dessa vez, as únicas regras que vou seguir são as minhas.

E agora, quando a tempestade vier, em vez de fugir, vou encará-la de cabeça erguida.

Espero que ela esteja pronta para mim.

Muitos sempre se põem diante dele;
Ao julgamento vão, cada um à sua vez;
Falam, e escutam, e depois às profundezas são enviados.

DANTE ALIGHIERI, *Inferno*, Canto V.



Ele em Primeiro Lugar.

Era isso que estava escrito em letras brancas na camisa que a menina estava usando.

— Quem é *ele*? — perguntei para ela.

Se não estivesse tão cansada, teria logo percebido, mas achei que a camisa se referia a alguma banda ou título de filme, alguma coisa assim... não que eu fosse assistir.

— Ah — disse a menina, sorrindo. Ficou visivelmente feliz com a pergunta. Obviamente, era para isso que ela usava aquela camisa, para gerar perguntas como a minha. Deu para perceber isso pela resposta animada e ensaiada. — Meu Senhor e Salvador. Ele sempre vem primeiro.

Não faça isso. Não se meta. Não é a hora de ter uma conversa teológica — ou qualquer conversa — além do necessário. Lembre-se do que John disse: há centenas de pessoas aqui, talvez milhares. Você não pode ajudar todas elas, apenas as que parecem estar em situação pior, ou que estejam prestes a causar problemas...

— Você não acha que há *algumas* circunstâncias em que Ele gostaria que você se colocasse em primeiro lugar? — Eu me

ouvi dizendo. — E se tivesse um incêndio? Ele não ia querer que você corresse primeiro e depois rezasse?

— Sim, claro — disse a menina, rindo —, mas eu ainda estaria colocando Ele em primeiro lugar no meu coração, da mesma forma que Ele me coloca em primeiro lugar no coração Dele. Ele está sempre com a gente, sabe, nos protegendo do mal.

Eu não devia ter perguntado. Até mesmo a pessoa que estava atrás dela na fila, um jovem que provavelmente morreu em um acidente de jet ski, a julgar pelo short tropical e pela falta de camisa, olhou para ela sem acreditar.

— Você se olhou no espelho recentemente? — perguntou para ela.

O sorriso desapareceu, e ela ficou assustada.

— Não. Por quê? Tem alguma coisa no meu dente?

Ela fez um movimento para pegar a mochila que estava sobre um dos seus ombros, mas eu a segurei. Se não fizesse isso, acho que ela teria encontrado um estojo de maquiagem com espelho, e, então, teria visto o que todos nós víamos: os estilhaços cristalinos do vidro de um carro inseridos nos seus cabelos louros, como diamantes em uma coroa, e a marca intensamente vermelha que o volante deixou em sua testa quando o airbag não abriu.

Ninguém a protegeu, mas para que dizer isso a ela? Provavelmente começaria a chorar, e então eu teria de passar mais tempo ainda a confortando — um tempo que John avisou que não tínhamos.

— Os seus dentes estão ótimos — falei rapidamente. — Você está linda. Aqui, bebe isto. — Peguei um copo d'água da minha bandeja e dei a ela. — Vai se sentir melhor.

Pela primeira vez, fazia calor no Mundo Inferior. Era por isso que eu estava carregando uma bandeja com copos cheios de água bem gelada. Era um gesto ridículo — como entregar salva-vidas no *Titanic*. Eu não podia mudar o que havia acon-

tecido com aquelas pessoas. Tudo o que podia era fazer com que a viagem até o destino final fosse um pouco mais confortável... e tentar apressá-los.

O Mundo Inferior estava passando por um excesso de pessoas e de calor, tendo chegado ao ponto de condições insustentáveis.

— Obrigada — disse a menina. Pegou o copo e deu um gole graciosamente. Dessa vez, o sorriso não foi ensaiado. — Estou com tanta sede. — Disse ela depois com um tom vago, como se, no meio de tudo o que havia acontecido com ela nas 24 horas anteriores, a sede fosse o mais incrível.

Bem, morrer pode causar desidratação.

— É — concordei. — Desculpa pelo calor. Estamos dando um jeito nisso.

— Dando um jeito? — repetiu o menino de short tropical. — Estamos esperando aqui há horas. Que tal algumas respostas em vez de água?

— Eu sei — falei para Short Tropical. — Desculpa. O barco está chegando, eu juro. Estamos tentando acomodar o máximo de pessoas, o mais rápido possível, mas estamos um pouco atrasados no mo...

— Por que a gente vai acreditar em *você*? — interrompeu Short Tropical. — Quero falar com o seu chefe.

Senti uma onda de raiva emergindo em mim, mas lutei para manter a calma.

— E de onde você tirou que *eu* não sou a chefe? — desafiei. Ele caiu na gargalhada.

— Olha pra você — disse ele.

Não me contive. Olhei para baixo. Enquanto a maioria das pessoas estava com roupas leves, como o Sr. Short Tropical — alguns estavam de camisola hospitalar, ou até mesmo de pijama, qualquer roupa que estavam usando quando a morte os levou, eu estava com um vestido justo de manga curta cuja barra arrastava no chão. Embora o material fosse de algodão

bem fino, ele ficava grudando na minha perna, e não apenas porque as ondas do lago estavam mais violentas do que o normal, jorrando espuma e estourando na doca. Alguns cachos do meu longo cabelo negro haviam escorregado do coque em que tentei prendê-lo e estavam grudando no meu pescoço. Eu teria dado o meu celular, e possivelmente até o meu sutiã, por um ar condicionado ou ventilador.

Mas, no final das contas, o Short Tropical não estava se referindo ao meu guarda-roupas.

— Quantos anos você tem? — indagou ele. — Quinze? Dezesseis?

— Dezesete — respondi cerrando os dentes, tentando me conter e não jogar a bandeja inteira em cima dele. — Quantos anos *você* tem? Legalmente, tem que ter pelo menos 18 pra alugar um jet ski na Flórida.

Eu sabia disso porque a minha mãe reclamava o tempo todo que crianças ficavam apostando corrida no mangue onde ela estava estudando seus amados colheiros rosados. Os jet skis atropelavam golfinhos e peixes-boi (e às vezes até mergulhadores) logo abaixo da superfície, e os matavam sem que o motorista nem percebesse.

Com exceção dele. Não sei o que Short Tropical atingiu, mas foi forte o suficiente para matá-lo.

— Tenho 19 — disse ele com uma expressão de espanto. — Como você sabe que foi um...

— O meu trabalho é saber — interrompi. — Você pode falar com meu chefe quando quiser... é meu namorado. Aquele ali no cavalo.

Apontei para a doca na frente da nossa. Lá estava John no seu cavalo negro, Alastor, e mais dois homens altos e musculosos vestidos de couro preto, tentando conter uma multidão bem mais agitada. Se a fila da qual eu estava cuidando estava descontente, a deles já estava se rebelando. Ninguém estava recebendo copos d'água ali — caso contrário, já teriam estou-

rado os copos na cabeça de alguém e usado os cacos de vidro como arma.

— Hum, não, obrigado — disse o Short Tropical, virando o rosto para o outro lado de maneira nervosa enquanto John puxava um homem pela gola para afastá-lo da garganta de outro. — Estou bem. Vou esperar aqui mesmo.

— Isso — respondi. Apesar da seriedade da situação, não pude evitar um sorriso para mim mesma. — Era isso que eu achei que ia dizer.

É só tentar manter todo mundo calmo, disse John quando descemos do castelo à praia. Uma única pedra pode causar várias reverberações na água. A última coisa que precisamos agora é de uma revolta.

Entendi, foi minha resposta.

E não precisa partir para o contato físico, disse John. Qualquer confusão, estarei lá.

Como você vai saber?, perguntei.

Se tiver confusão e você estiver no meio, vou saber, disse ele e me deu um sorriso que achei que fosse transformar as minhas pernas em manteiga ali mesmo.

Consegui contornar a rebelião que Short Tropical tentou causar, mas isso não significava que tudo estava uma calma-ria... especialmente entre John e eu. Ainda procurávamos maneiras de acalmar a tormenta no nosso relacionamento. Algumas ondas pareciam mais difíceis de controlar do que outras. John não queria que eu ajudasse ali na praia. Queria que eu ficasse no castelo com o Sr. Graves, cuidando de Alex, meu primo, e de Kayla, minha melhor amiga, que ainda estavam se recuperando do choque de terem sidos arrancados da terra dos vivos e levados para a terra dos mortos para a própria segurança — não era uma adaptação fácil, como eu bem sabia.

Mas apenas uma olhada na quantidade de almas que apareceu na praia enquanto estivemos na Isla Huesos me deu a

certeza de que eu seria mais útil ali do que ao lado das camas de Alex e Kayla. No final, até John teve de concordar comigo.

Mesmo assim, o fato de concordarmos quanto a isso não significava que não haveria pedras no nosso caminho. Eu estava aprendendo que estar em um relacionamento era difícil. Seria difícil mesmo que o seu namorado não fosse uma divindade da morte.

E ele sendo, imaginem o problema.

A menina do *Ele em Primeiro Lugar* puxou o meu braço, tirando-me daquele estado pensativo.

— Desculpa — disse ela —, mas qual o seu nome?

Não dê intimidade para eles. Esse foi outro conselho que John deu na minha orientação às pressas para o trato com almas. *Você está aqui pra trabalhar, e não pra fazer amigos.*

— Pierce — falei para ela. Eu era grata pelos avisos de John, mas o que ia fazer? Mentir? — Olha, desculpa, mas tenho que ir. — Fui saindo em direção ao final da fila, que ia como uma serpente pela doca e pela praia, para além das dunas. — Ainda tenho muitas pessoas pra ajudar..

— Ah, sim — disse a menina, assentindo em sinal de simpatia. — Eu sei, é aquela tempestade, né? Eu devia ter prestado atenção aos alertas da previsão do tempo e ficado na casa do meu pai. Não vi aquela árvore caindo. — Ela deu uma risadinha como se dissesse, *Que bobinha que eu sou por deixar aquela árvore esmagar o meu carro e me matar!* — Enfim, meu nome é Chloe. Só quero que você saiba, Pierce, que Ele também tem *você* no coração.

A princípio, não entendi sobre quem estava falando, mas depois eu me lembrei.

— Hum — falei. — Que bom. Obrigada. Tenho que..

— Não, é sério — disse Chloe, ansiosa para que eu acreditasse. — É verdade; ele realmente tem.

Era verdade mesmo? Ninguém me colocou em primeiro lugar no coração no dia em que a minha avó me assassinou.

Ou colocou a minha ex-melhor amiga, Hannah, em primeiro lugar quando se suicidou. Ou a minha conselheira, Jade, quando foi assassinada. E na noite anterior? Quem colocou o meu primo Alex em primeiro lugar em algum momento da sua pequena e infeliz vida?

E eu não era a única pessoa com dúvidas.

— Você pelo menos sabe onde está? — perguntou Short Tropical para Chloe, sem acreditar.

— Hum — disse ela, olhando para a doca. — Sim. Estamos esperando um barco. Não é? Foi o que ela... — Chloe apontou para mim.

— *No inferno* — interrompeu Short Tropical. — Estamos no inferno. Por que você acha que está tão quente? E tão lotado?

A menina olhou para mim, olhos azuis alarmados.

— Isso não é verdade, é? Estamos no...? — Ela não conseguia falar a palavra.

— É claro que não — falei, olhando irritada pro Short Tropical. Aumentei o tom de voz para que todo mundo que estava por perto me ouvisse. — Um barco vai chegar a qualquer minuto para levar vocês ao seu destino final. Peço desculpas por estar tão cheio aqui, estamos um pouco atarefados, e geralmente não é tão quente, e...

Fui interrompida por uma trovoadas tão alta que todo mundo, até Short Tropical, deu um berro de susto. Todos se viraram para a fonte do barulho: uma parede de neblina de quase 15 metros de altura que vinha pela água na nossa direção; devagar, porém decidida.

Parecia um daqueles filmes com múmias, onde tempestades de areia tomam o deserto e engolem o exército valente... só que não havia múmias ali, e era neblina, não areia. E, infelizmente, aquilo não era um filme.

— O *que* é isso? — perguntou Short Tropical, apontando.

— Só uma tempestadezinha — falei. — Normal.

Nem eu achei que a minha voz foi convincente. Por que achei que fosse convencê-los? Um senhor de camisola hospitalar repetiu:

— Uma *tempestadezinha*? E você provavelmente acha que aqueles são apenas alguns passarinhos? — Apontou para cima.

Eu não precisei olhar. Sabia do que estava falando. Uma revoada de pássaros negros foi se acumulando durante o dia, voando em círculos cada vez mais próximos sobre a praia.

— São apenas pássaros — falei, fingindo não estar intimidada. — Não são diferentes desse. — Apontei para um pássaro branco e gordinho, cujas pontas das asas e do rabo pareciam ter sido mergulhadas em tinta preta acidentalmente. Estava sentado perto de mim, no corrimão da doca. — São totalmente inofensivos.

O senhor de camisola hospitalar riu como se eu tivesse contado uma piada — não muito engraçada, visto que a risada foi um tanto amarga.

— Eu sou um ornitólogo amador, senhorita. Eu sei a diferença entre pombas e corvos. — Aquele ali — apontou para Esperança, meu pássaro de estimação — é um membro da ordem dos Columbiformes. Eles não fazem mal.

Ele tinha razão. Na verdade, Esperança salvou a minha vida várias vezes, embora isso não fosse visível — principalmente quando ela ficava se aprumando como se estivesse em um spa, e não em um porto a caminho do inferno (ou do paraíso).

— *Aqueles* pássaros — continuou o Camisola, apontando para cima — são corvos. Pássaros que comem restos. Quer saber resto de que eles comem? Carniça... restos de mortos. Em outras palavras, *nós*.

Chloe se engasgou, e não foi a única. Ouvi murmúrios de insatisfação na fila inteira. Ninguém gosta da ideia de ter a carne devorada, nem mesmo quem já está morto.

Era bem o tipo de coisa que acontecia comigo, ter um ornitólogo amador na minha fila.

— Ei — falei, segurando o braço de Chloe para tranquilizá-la. — Está tudo sob controle. Estão vendo isso? — Mostrei o pingente pesado de diamante que eu usava em volta do pescoço em uma corrente dourada. Geralmente, eu o mantinha escondido embaixo da roupa porque coisas horríveis aconteceram com as pessoas às quais o mostrei. Mas as pessoas dali já haviam sofrido a pior coisa que o destino ofereceria.

Quer dizer, era isso que eu esperava.

— Este diamante fica preto em sinal de aviso sempre que tiver algum perigo ou confusão por perto — expliquei. — Então estamos todos bem.

— Jura? Eu diria que estamos ferrados, porque mais preta do que essa pedra, não existe. — O Short Tropical apontou para o próprio braço. — E de ficar preto eu entendo.

Olhei para baixo. Ele estava exagerando, mas a pedra havia mudado de cinza prateado para o mesmo tom de preto das pontas das asas e da cauda de Esperança.

Droga. Eu não devia ter ficado surpresa com a mudança de cor, considerando tudo o que estava acontecendo ao nosso redor. Talvez, além de agir como detector das Fúrias, o diamante também mudasse de cor quando o tempo ficava muito ruim.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Chloe perguntou, com tom de curiosidade:

— É tipo um anel de humor? Já tive um desses. Ficava no tom mais lindo de roxo quando estava perto da minha mãe e minhas irmãs, mas sempre que o meu pai entrava no quarto, ficava preto. Meu pai ficou tão chateado que jogou o anel fora. Disse que devia estar quebrado.

— Devia estar — disse Short Tropical, erguendo as sobrancelhas para mim. — Foi por isso que você fugiu dele de carro no meio de um furacão e bateu a cabeça? Você e seu pai não se davam muito bem?

— O quê? — Os dedos de Chloe tocaram sua testa nervosamente. — O que tem de errado com a minha cabeça?

— Nada — falei rapidamente, e escondi o pingente sob o vestido. — Olha, vai dar tudo certo. Estamos tendo algumas dificuldades técnicas, só isso. Estamos fazendo tudo pra consertar o problema. Obrigada pela paciência.

Eu só não sabia como consertar neblinas — muito menos trovões, temperaturas lá nos quarenta graus e pássaros predadores — em um lugar sem céu, localizado em uma caverna subterrânea onde o sol jamais brilhava. É certo que as orquídeas negras e outras flores que desabrochavam no pátio do castelo lá em cima do monte não precisavam de luz para crescer. Eram o que a minha mãe, uma bióloga ambientalista, chamaria de “enganadores” não fotossintéticos.

Tecnicamente, eu também era uma enganadora. Todos os habitantes permanentes do Mundo Inferior, incluindo o meu namorado, enganaram a morte de um jeito ou de outro... embora alguns habitantes tivessem feito isso mais recentemente, e portanto não estavam tão familiarizados com a etiqueta do reino dos mortos.

Ou pelo menos foi isso que tentei dizer para mim mesma quando ouvi alguém correndo pelo píer. Eu me virei e vi meu primo voando na minha direção.

— Pierce — disse Alex, parando abruptamente na minha frente. Ofegante, ele se inclinou para descansar as mãos sobre os joelhos e recuperar o fôlego. — Graças a Deus você está bem. Achei que nunca fosse encontrar você.

Não sei o que foi mais chocante: ver o meu primo Alex com um lenço preto na cabeça, estilo pirata, e um chicote enrolado na mão, ou o fato de estar demonstrando preocupação pelo meu bem-estar. Ambos eram igualmente bizarros.

— Alex — falei quando me recuperei do choque —, quando você acordou? — Quando o vi pela última vez, ele estava no castelo, deitado em uma maca na cozinha com a consciên-

cia indo e vindo. Segundo o que me disseram, era uma reação comum dos que voltavam da morte e eram levados ao Mundo Inferior. — Achei que o Sr. Graves...

— Esse é o cara estranho de cartola? — Alex esticou a coluna e secou o suor na testa. — É, foi bem fácil escapar dele.

— Não me espanta, considerando que ele é cego — falei com raiva. — E ele não é estranho. Os médicos que trabalhavam em barcos se vestiam daquele jeito no século XIX, quando ele chegou aqui... — Parei de falar. Pela expressão de Alex, dava para ver que o que eu estava dizendo parecia loucura.

— Claro — disse Alex com sarcasmo. — Isso não é nem um pouco estranho.

— Você não machucou ele, né? — perguntei, dando uma olhada no chicote. Então meu coração bateu forte. — Cadê a Kayla?

O queixo de Alex caiu.

— Ai, meu Deus, não me diga que a Kayla também está aqui!

Eu não acreditei.

— Alex, é claro que ela está. Você não se lembra? Nós trouxemos ela pra cá pra protegê-la da...

— Deixa pra lá — disse Alex, balançando a cabeça. — Tarde demais pra voltar e buscá-la. O garoto e o cachorro louco estão atrás de mim. — Ele segurou o meu pulso. — Vem, Pierce, ouvi falar de um barco. Temos que achar esse barco.

— Alex — falei, olhando para a mão dele. — Do que você está falando?

Alex parecia impaciente.

— Pierce, você não está entendendo? Eu estou salvando você.